

Veja
3/6/98
39 37

Fórum ecológico

João Paulo Capobianco

A chance de evitar o pior

Na região metropolitana de São Paulo, vários bairros são submetidos a rodízio de água durante todo o ano, apesar de a cidade estar em uma região com grande oferta hídrica. Somente na bacia de Guarapiranga, da qual dependem mais de 3 milhões de paulistanos, foram eliminados 15% da mata protetora de nascentes, córregos e rios. Esse é apenas um exemplo de como a destruição da Mata Atlântica, uma das maiores tragédias ecológicas do país, afeta a vida dos 70% da população brasileira que habitam a área original desse ecossistema. Além de regular o fluxo dos mananciais hídricos, a Mata Atlântica é essencial para a fertilidade do solo, o controle do clima e a estabilidade de encostas. Serve também para proteger a maior biodiversidade de árvores do planeta. O assassinato da floresta induz ao suicídio da vida que dela depende.

A Fundação SOS Mata Atlântica, em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, Inpe, e o Instituto Socioambiental, acaba de apresentar os números de seu último estudo sobre a situação da Mata Atlântica. Os dados são impressionantes: meio milhão de hectares de florestas destruído em nove Estados, entre os anos de 1990 e 1995, a uma velocidade de um campo de futebol devastado a cada quatro minutos.

O líder absoluto desse campeonato macabro foi o Estado do Rio de Janeiro, com 140 000 hectares desmatados, uma perda de 13% da cobertura florestal que tinha em 1990. Nos Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, o quadro também se agravou. Apenas Paraná e Santa Catarina reduziram o ritmo. Somando os novos números aos do estudo referente ao período 1985-1990, chegamos à cifra de 11% da Mata Atlântica destruída nos últimos dez anos.

Mantida essa situação, eliminaremos completamente o que sobrou dela fora das áreas de preservação nos próximos cinquenta anos.

É bom lembrar que esses desmatamentos não estão ocorrendo em regiões distantes e de difícil acesso. Derrubam-se enormes áreas de Mata Atlântica impunemente a poucos quilômetros das cidades, onde há telefone e se chega por estradas asfaltadas. Os fiscais, se quisessem, poderiam atuar em boa parte dos casos sem sequer sujar os sapatos.

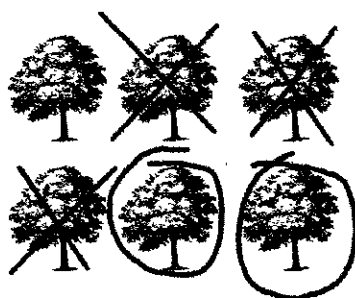
Em geral, o desmatamento decorre da especulação imobiliária, da expansão da agricultura, pastagens e assentamentos para reforma agrária. Num sobrevôo na região serrana do Rio de Janeiro, onde foi registrada a pior devastação, constatamos que grandes áreas de floresta foram substituídas por pastagens de baixíssima produtividade, pois o relevo acidentado não é adequado para esse tipo de atividade. Mata perdida para nada.

A urgente reversão desse quadro depende de um conjunto de ações. Maior fiscalização, embora fundamental, não

será suficiente. É necessário estabelecer uma política ampla que contemple não apenas a punição para quem degrada, mas, principalmente, o estímulo para quem preserva. Parte da solução do problema está nas mãos dos deputados, que analisam um projeto de lei específico para a Mata Atlântica desde 1992. Nestes longos seis anos de tramitação pelos corredores da Câmara Federal perdemos 600 000 hectares de florestas. Esperamos que esses números estimulem nossos legisladores a apressar seu trabalho.

João Paulo Capobianco é biólogo e secretário executivo do Instituto Socioambiental

No ritmo atual, o que sobrou de Mata Atlântica fora das reservas será eliminado em cinquenta anos



Área verde

▶ Quatro das maiores indústrias têxteis do país estão financiando uma pesquisa para reduzir os **poluentes** lançados por elas mesmas nas águas dos rios. Em Santa Catarina, o projeto reduziu em 99% esses poluentes porque reaproveita parte da goma usada para fixar corantes nos tecidos.



▶ Parte dos **peixes de Rio Branco**, capital do Acre, está contaminada de mercúrio, segundo pesquisa do Instituto Evandro Chagas. Num levantamento inicial feito com 400 amostras de peixes pescados nos rios da cidade foram encontrados 20% com níveis de mercúrio acima do normal.

▶ A Operação Macaúba de combate ao **desmatamento na Amazônia** começou em maio sem uma arma poderosa. A nova Lei de Crimes Ambientais ainda não foi regulamentada, e por isso as multas não chegam a 5 000 reais. Na nova lei, a punição pode chegar a 50 milhões de reais.



▶ O Ibama baixou uma portaria na semana passada autorizando até setembro a **caça** de oito espécies animais no Rio Grande do Sul. Duas delas são de pássaros prejudiciais ao cultivo de grãos no Estado. A medida atendeu a pedido das associações de caçadores gaúchos e só poderão participar pessoas cadastradas.